

DOS ESTÁGIOS RIFTE A MARGEM PASSIVA: EVOLUÇÃO SEDIMENTAR DA FORMAÇÃO MOEDA EM SUA ÁREA-TIPO, PORÇÃO OCIDENTAL DA SINCLINAL HOMÔNIMA, QUADRILÁTERO FERRÍFERO, MG.

Gustavo Pereira Martins*, Mariana de Resende Madeira, Maximiliano de Souza Martins
Universidade Federal de Ouro Preto

Os levantamentos estratigráficos nas unidades de origem sedimentar do Quadrilátero Ferrífero (QF) são escassos e desatualizados. Isto se deve, sobretudo, pela dificuldade de áreas adequadas para tais levantamentos, fruto da deformação, metamorfismo e intemperismo, aliado a ausência de marcadores estratigráficos regionais. A serra da Moeda possui direção meridiana, com escarpamento pronunciado a oeste, onde os pacotes rochosos conformam uma estrutura homoclinal com mergulhos moderados para leste, associados tectonicamente ao flanco ocidental da sinclinal homônima. Esta região constitui o *locus typicus* da Formação Moeda, unidade basal do Supergrupo Minas. Este trabalho compreendeu a realização de seis perfis estratigráficos de detalhe (1:200) nas unidades que constituem a Formação Moeda na serra da Calçada, região norte do flanco oeste da sinclinal da Moeda, sendo distinguidas nove litofácies, classificadas e interpretadas de acordo com Miall (1977). Baseando-se em Walker & James (1992), a contextualização e a correlação das seções possibilitaram o reconhecimento de cinco associações de fácies denominadas de Af1, Af2, Af3, Af4 e Af5. As quatro primeiras correlacionam-se aos estágios rifte da bacia Moeda, ao passo que a Af5 marca a instalação de uma margem passiva, que evolui para a Formação Batatal, datum estratigráfico de topo utilizado neste trabalho. A associação de fácies basal, Af1, compreende conglomerados de fluxo de detritos de leque aluvial, suportados por matriz argilosa, possuindo geometria lenticular e com variações laterais. Registra a fase de abertura do rifte Moeda, marcado por instabilidade tectônica evidenciada pela superfície de contato erosiva entre os supergrupos Rio das Velhas (Grupo Nova Lima) e Minas. A Af2, associação aluvial/fluviol de rios entrelaçados, compreende litofácies conglomeráticas polimíticas de matriz arenosa, arenitos e lentes pelíticas; o contato com a associação basal é gradacional e erosivo. A Af2 sugere ambiente de deposição com abundância de suprimento de sedimentos e descarga altamente variada, podendo ser interpretada como um sistema fluvial proximal a área fonte ou como uma planície aluvial. A associação de fácies litorânea ou lacustre, Af3, é formada por um pacote de filitos com intercalações de arenitos finos e siltitos, maciços ou com laminações paralelas, com adelgaçamento de sul para norte, chegando a desaparecer na porção centro norte; foi interpretada como entrada de sedimentos finos na planície aluvionar ou como um sistema lacustre de grande extensão. A Af4, sistema aluvial/fluviol de rios entrelaçados, possui adelgaçamento da espessura na porção centro norte e é mais desenvolvida na porção sul. Tem na base um horizonte com lentes de conglomerados polimíticos com estratificação cruzada acanalada e planar, e, sobrepostos ou contendo estas lentes, arenitos imaturos estratificados. A Af5, associação de fácies litorânea, encerra os perfis com intercalações de arenitos e pelitos, gradando para as rochas fílticas da Formação Batatal. A disposição espacial da fácies Af1, aliada a lineamentos de direção leste-oeste, coloca em evidência a presença de altos e baixos estruturais ativos do embasamento (hemigrábens) controlando a deposição destes conglomerados basais, utilizados como marcadores de evolução paleoambiental e estratigráfica da Formação Moeda no QF.

Miall, A.D. (1977). A review of the braided river depositional environment. *Earth Sci. Rev.* 13: 1–62
MIALL, A. D. (2016). *Stratigraphy: The Modern Synthesis*. Toronto, Springer International Publishing, 2016. p. 311-370.

Walker, R. G., & James, N. P. (Eds.). (1992). *Facies models: response to sea level change* (Vol. 1). St. John's, Nfld.: Geological Association of Canada. 409p.